

### ***Asplenium hemionitis L. var. hemionitis***

*Asplenium palmatum* Lam. (SEUBERT, 1844; PALHINHA, 1966; HANSEN & SUNDING, 1985; FERNANDES, 1980). *Phyllitis palmatum* (Lam.) Samp. (PALHINHA, 1966; HANSEN & SUNDING, 1985, FERNANDES in FERNANDES & FERNANDES, 1980). *Tarachia palmata* (Lam.) C. Presl. e *Scolopendrium palmatum* (Lam.) Samp. (FERNANDES in FERNANDES & FERNANDES, 1980).

Esta espécie foi citada pela primeira vez para os Açores por SEUBERT (1844), sendo então referida para a ilha do Faial, sob a designação de *Asplenium palmatum* Lam. O género *Asplenium* na Macaronésia foi organizado por ORMONDE (1987) em quatro grupos, designados por *grex*. Esta classificação foi baseada na hipótese de que, os fetos com frondes divididas, são mais primitivos do que os que apresentam as frondes inteiras. Destes últimos, salientamos o quarto grupo, denominado de *grex hemionitis* onde se inclui as espécies com fronde simples, sendo o *Asplenium hemionitis* L., o seu único representante macaronésico (ORMONDE, 1987; 1991a).

DROUET (1866) assinala a distribuição do *A. hemionitis* para todo o arquipélago. Em 1966, PALHINHA refere a sua existência para todo o arquipélago com excepção das ilhas de Sta. Maria e Graciosa. Mais tarde, novas referências, tais como de ORMONDE (1991a) e de HANSEN & SUNDING (1993), referem a sua existência em todas as ilhas dos Açores.

#### ***Distribuição***

Norte de África (Marrocos e Argélia). Canárias e Cabo Verde. Portugal continental, Madeira e Porto Santo.

Açores: S. Miguel, Sta. Maria, Terceira, Pico, Faial, S. Jorge, Graciosa, Flores e Corvo.

#### ***Corologia***

É um endemismo macaronésico-ibérico-mauritânico.

#### ***Protecção e status***

Espécie protegida pela Directiva *Habitats* 140/99 Diário da Republica - Anexo IV e pela Convenção de Berna de 1992 - Anexo II. Esta é uma espécie indígena em Perigo Crítico (CR), com populações muito fragmentadas e com flutuações na área de ocorrência.

### ***Tipo funcional de planta***

Tipo estrutural de crescimento: planta herbácea. Ciclo de vida: perene.

Tipo biológico: hemicriptófito. É uma planta com rizoma curto, espesso, oblíquo, sub-rastejante e densamente coberto de escamas escuras. As folhas estão dispostas em tufos até 11 ou talvez mais, orientadas em todos os sentidos (FERNANDES in FERNANDES & FERNANDES, 1980). As folhas são inteiras, palmito-lobadas, largas de 18 x 16 cm, o que as torna sensíveis aos ventos e à secura e limita a sua distribuição em locais expostos ou onde a humidade não seja constante. Apresentam cor verde escuro, indicador de sensibilidade à exposição directa. Os soros estão dispostos ao longo do bordo superior das nervuras secundárias, lineares e bastantes alongadas (FERNANDES in FERNANDES & FERNANDES, 1980). Planta cultivada como ornamental.

### ***Habitat***

Esta espécie, de acordo com as populações estudadas, desenvolve-se entre os 10 e os 250 m de altitude. Pensamos que o *A. hemionitis* estaria adaptado a um tipo de floresta de baixa-média altitude que nos Açores está extinta, tal como foi comprovado por DIAS (1996). Deste modo, e sem o seu habitat natural, esta espécie começou a desenvolver-se em outras florestas que lhe proporcionam as mesmas condições. Daí que se compreenda ter o *A. hemionites* apenas sido inventariado em habitat de substituição

Confirma-se que esta espécie está adaptada a condições de ensombramento e, devido ao tamanho que as suas folhas podem atingir, supõem-se necessitar de protecção contra o vento: quase 100% das suas populações estão em matas ou florestas fechadas. Estas condições de abrigo são encontradas por exemplo em matas, onde as (poucas) populações desta espécie foram encontradas. As populações deste feto desenvolvem-se em matas de *Pittosporum undulatum* (8% das populações ocorria numa mata de *Pittosporum tobira*), em matas de *Cryptomeria japonica*, *Metrosideros excelsa* e de *Eucalyptus globulus* (estas matas possuem um sub-bosque de *P. undulatum*). Cerca de 10% das populações de *A. hemionitis* desenvolviam-se em matas de *Myrica faya*. As mesmas condições de ensombramento e protecção de ventos parecem poder ser encontradas em comunidades dominadas por *Arundo donax* (caniçais costeiros).

### **Ameaças**

De acordo com os dados obtidos em inventários de campo, verificou-se que esta espécie, encontrada em locais de baixa altitude, está sujeita a agressões inerentes à passagem de pessoas (42%), animais domésticos (25%) e avanço de exóticas (17%).

O *A. hemionitis*, ao desenvolver-se nos *habitats* de substituição anteriormente referidos, tem como principal ameaça a possibilidade de desaparecimento destes *habitats* de florestas de baixa altitude. A existência de florestas de baixa altitude, frequentemente dominadas por infestantes que são normalmente indesejáveis, representam actualmente a única possibilidade de sobrevivência desta espécie. Fica assim, a sobrevivência desta espécie, nos Açores, dependente da conservação de matas tradicionais de baixa altitude, o que aponta para a necessidade urgente da criação de áreas especiais para a sua conservação e o desenvolvimento de mecanismos de conservação *ex situ*.

### **Informação Ecológica**

*Tabela 1: Avaliação do estado de Conservação/Populacional de Arceuthobium azoricum*

<b>Ilha</b>	<b>SIC</b>	<b>Espécie</b>	<b>População</b>	<b>Conservação</b>
Faial	Caldeira e Capelinhos	<i>Asplenium hemionitis</i>	B	C
Terceira	Serra de Santa Bárbara e Pico Alto	<i>Asplenium hemionitis</i>	*	*

**Observação:** estas classificações são realizadas de acordo com as regras estabelecidas pela Comissão Europeia DG XI.D.2

\* **População:** tamanho e densidade da população da espécie presente no sítio em relação à população do território nacional.

A:  $100\% \geq p > 15\%$

B:  $15\% \geq p > 2\%$

C:  $2\% \geq p > 0\%$

D: População não significativa

\* **Conservação:** grau de conservação das características do habitat que são importantes para a espécie em causa e com possibilidades de recuperação.

A: Excelente conservação

B: Boa conservação

C: Conservação média ou reduzida